

Brasília — J. França



Davi Ianomâmi recebeu o mesmo prêmio que Chico Mendes

Índio ianomâmi recebe Prêmio Global da ONU

BRASÍLIA — O índio ianomâmi Davi Copenaua recebeu ontem do representante da ONU no Brasil, o uruguaio Eduardo Gutierrez, o Prêmio Global 500, conferido anualmente a 500 pessoas que se destacam na defesa do meio ambiente em todo o mundo. "Guardarei este prêmio no coração do homem branco, para que ele ajude a preservar a mata, a floresta, os rios, os igarapés, os peixes, as montanhas e os lagos", disse o índio, que denunciou que está sendo ameaçado de morte.

Davi Copenaua recebeu o prêmio na sede da ONU em Brasília, em solenidade a que compareceram o senador Severo Gomes (PMDB-SP), o deputado Fábio Feldmann (PSDB-SP) e o presidente do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, além de representantes do Ministério das Relações Exteriores, do Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da Organização Mundial do Trabalho (OIT).

Depois de receber o prêmio, que ano passado foi dado ao líder sindical, seringueiro

e ecologista Chico Mendes, assassinado em 22 de dezembro, Davi passou pasta de urucum no rosto, para demonstrar seu contentamento. "Estou usando o urucum para dizer o quanto fico alegre e satisfeito por este prêmio, dado por pessoas poderosas", disse Davi. O índio, no entanto, não esqueceu das dificuldades vividas por seu povo e cobrou do governo brasileiro uma solução para a invasão de suas terras por 40 mil garimpeiros e a ampliação da reserva ianomâmi, em Roraima.

O agrônomo Gumercindo Lopes Rodrigues, assessor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (AC), que era presidido por Chico Mendes, disse que a luta dos índios pela preservação da floresta é a mesma do seringueiro, do castanheiro e de tantas outras pessoas que lutam pela execução de uma reforma agrária no Brasil, para que seja reduzida a migração para a Amazônia. Ao cumprimentar Davi, disse Gumercindo: "Queremos lembrar que foi firmada há alguns anos na Amazônia a aliança dos povos da floresta, na qual índios e seringueiros e selaram o compromisso de lutar pela preservação das matas."

Como Chico Mendes, Davi pode morrer

Ricardo Lessa

O prêmio Global 500 corre o risco de se tornar um estigma para os que o recebem no Brasil. Quando diz estar ameaçado de morte, o índio Davi Copenaua Ianomâmi não está usando apenas uma força de expressão. A terra onde vive, junto com seus parentes próximos e distantes da tribo ianomâmi — as serras que separam Roraima e Amazonas da Venezuela — se transformou numa verdadeira terra de ninguém.

Há muito tempo a área dos ianomâmis é disputada. Desde o início da década de 70, garimpeiros extraem ouro e cassiterita da Serra do Parima. Em 76, 1.200 homens já produziam 400 toneladas por mês de cassiterita. A Docego decidiu naquele ano não levar adiante a exploração de metais na região, por causa da população indígena, e desocupar a área.

Em 1984, os garimpeiros souberam que a lavra seria aberta para uma empresa particular de mineração e, como represália, invadiram a pista de pouso de Surucucus, no oeste de Roraima. A Polícia Federal interveio e prendeu o líder da invasão, mas os garimpeiros, com o apoio dos comerciantes de Boa Vista, promoveram uma série de manifestações na capital de Roraima e conseguiram a libertação do seu líder. Os garimpos não foram, contudo, reabertos.

Mais discretamente e em maior número, os garimpeiros voltaram, em 87, a ocupar as áreas do oeste de Roraima, fazendo da pista do Paapiú, a meia hora de voo de Boa Vista, a cabeça de ponte da nova ocupação. Pilotos de toda a Amazônia voaram para Roraima para se engajar no leva-e-traz da produção de ouro, que atingiu no ano passado mais de 10 toneladas.

Dessa operação participam um dezena de helicópteros, um deles da empresa Selecta, do empresário Naji Nahas, uma centena de aviões mono e bimotores, comerciantes de ouro, como Thomé Mestrinho, irmão do ex-governador do Amazonas Gilberto Mestrinho, o comércio de Boa Vista, francamente engajado no abastecimento e na coleta dos lucros resultantes dos garimpos e os garimpeiros, que já podem chegar a 50 mil.

Tudo isso poderia se constituir numa saudável indústria de geração de divisas, não fosse um detalhe: a terra onde se produz o ouro servia tradicionalmente de moradia e fonte de sobrevivência para os ianomâmis. A responsabilidade pela sobrevivência dos indígenas foi avocada pelo Estado brasileiro no início do século.

Os agentes do Estado brasileiro, em Roraima, não parecem, porém, nem um pouco preocupados com essa herança. Embora os próprios garimpeiros concordem com a demarcação de área de garimpo e áreas indígenas, a Funai, a polícia, e o governo estadual não se preocupam com isso: estão tomados pela febre do ouro, disputando vorazmente seu quinhão.

Nem mesmo o Exército, que se auto-investiu no controle das áreas de fronteira, com o Projeto Calha Norte, e que, em outras épocas, foi o campeão na defesa dos direitos dos índios, faz alguma coisa. A intervenção estatal só existe, aliás, quando é para proibir ou punir, nunca para organizar. Assim, a produção de ouro funciona como nos tempos do velho oeste norte-americano.

Nada semelhante ao papel que se espera do Estado, ou seja, o de mediar e garantir os diversos interesses, existe em Roraima. O que há são policiais que cobram pedágio dos aviões, administradores da Funai que participam da exploração de ouro e governantes comprometidos com empresas mineradoras.

Diante da omissão do Estado em Roraima, não é difícil imaginar o que acontece nas selvas. Os garimpeiros, ávidos por ouro, soltos na mesma região onde estão os índios, manejam motores de sucção, moto-serras e rifles; derrubam árvores, abrem pistas, caçam e sujaram os rios, num processo que só difere tecnologicamente do que se iniciou 500 anos atrás.

O resultado dessa ocupação desordenada também é conhecido. Não é nada diferente do que aconteceu durante toda a história do Brasil. Os índios ficam doentes, são mortos ou simplesmente desaparecem na mata. O que choca a consciência do mundo é que, em 500 anos, o país não desenvolveu nenhum tipo de relacionamento com os índios que não implique o seu extermínio.

Quando Davi Ianomâmi diz que está ameaçado, não está blefando. Como Chico Mendes não estava. Os garimpeiros já chegaram até sua aldeia — Demini — exibiram seus rifles e disseram que não queriam ser incomodados. Ele sabe que no momento em que se colocar como obstáculo será eliminado, como muitos de seus parentes já o foram.